

SANTO AGOSTINHO. *In Epistolam Joannis Tractatus.*

SANTO AGOSTINHO. **De civitate Dei.**

SANTO AGOSTINHO. **Confessiones.**

SANTO AGOSTINHO. **Ennarrationes in Psalmos.**

SANTO AGOSTINHO. **De Trinitate.**

SANTO AGOSTINHO. **De Diversis Quaestionibus.**

[https://www.lastampa.it/vatican-insider/it/2020/09/14/news/helen-alford-la-suora-economista-nel-think-tank-del-papa-tra-draghi-e-stiglitz-rimettere-l-uomo-al-centro-dell-economia-post-covid-1.39301921/#google\\_vignette](https://www.lastampa.it/vatican-insider/it/2020/09/14/news/helen-alford-la-suora-economista-nel-think-tank-del-papa-tra-draghi-e-stiglitz-rimettere-l-uomo-al-centro-dell-economia-post-covid-1.39301921/#google_vignette)

<https://angelicum.it/an-interview-with-sr-helen-alford-op-the-new-president-of-the-pontifical-academy-for-the-social-sciences/>

<https://24plus.ilsole24ore.com/art/suor-helen-alford-la-tecnologia-e-come-cultura-creiamo-noi-e-oggi-serve-pensiero-alto-AFDfwT5>

<https://www.op.org/sr-helen-alford-op-idi-interview/>

## SUMÁRIO



# 7

*Porfírio Pinto*

*Centro de Estudos Globais da Universidade Aberta*

## **A DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA EM TEMPOS SOMBRIOS**

**A PROPOSTA DO PAPA FRANCISCO**

*DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-453-7.7*

O título desta contribuição, ao referir-se a “tempos sombrios”<sup>82</sup>, pode parecer pessimista. Não é essa a intenção. Também não julgamos que os documentos papais que aqui iremos referir – *Laudato si’* (2015) e *Fratelli tutti* (2020) – estejam marcados pelo pessimismo. No entanto, ambos, particularmente a Encíclica *Fratelli tutti*, apontam para as “sombrias” que pairam sobre o mundo atual<sup>83</sup>. Mas o termo “sombrias”, no magistério de Francisco, é importante. Ele remete para a fragilidade humana, para a debilidade do ser criado por Deus. Todavia, a fidelidade de Deus é mais forte do que a fragilidade humana (LF, n.º 53). Dele nos vem a “luz” da fé, que irradia sobre toda a existência humana (LF, n.º 1)<sup>84</sup>, e essa luz, no pensamento do pontífice, é um auxílio para encontrar soluções para os diversos problemas que a humanidade enfrenta.

Portanto, longe de ser pessimista, o tom dos documentos papais é positivo, de verdadeira esperança no futuro. A mesma esperança que é agora celebrada em ano jubilar. Na recém-publicada *Mensagem para o Dia Mundial das Missões de 2025*, o papa evoca as mesmas “sombrias tenebrosas”, encorajando a Igreja a esforçar-se por reanimar a esperança do mundo (Mensagem, 2025, introito). O papa acredita que as comunidades cristãs, animadas pela esperança em Cristo – Luz do Mundo –, “podem ser sinais de nova humanidade num mundo que, nas regiões mais ‘desenvolvidas,’ apresenta graves sintomas de crise do humano” (Mensagem, 2025, ponto 2).

As sombras, na primeira encíclica, estão relacionadas com a chamada “crise ecológica”: a poluição e as mudanças climáticas,

82 A expressão é também utilizada no título de uma obra recente de Anna Rowlands (2021).

83 O primeiro capítulo de *Fratelli tutti* intitula-se, precisamente: “As sombras de um mundo fechado” (cf. FT, n.os 9-55). O pontífice qualifica mesmo essas sombras de “densas” (FT, n.º 54), pensando, sobretudo, no abandono do próximo e na violência para com o outro (cf. FT, n.º 72). A Encíclica *Laudato si’* não usa o termo “sombrias”, mas a realidade também está presente.

84 Não deixa de ser curioso observar que a primeira encíclica de Francisco – escrita ainda “a quatro mãos” (isto é, em conjunto com Bento XVI) – se intitulava precisamente *Lumen fidei* (2013), e apresentava a fé como uma luz que ilumina o caminho da existência humana (LF, n.º 4).

a escassez de água potável, a perda da biodiversidade, a deterioração da qualidade da vida humana e a degradação social, as desigualdades entre as nações. “Estas situações – diz o papa – provocam os gemidos da irmã terra, que se unem aos gemidos dos abandonados do mundo, com um lamento que reclama de nós outro rumo” (LS, n.º 53). O documento papal faz mesmo questão de sublinhar que o clima é um bem comum (cf. LS, n.º 23).

Também o primeiro capítulo de *Fratelli tutti* é todo ele dedicado às “sombras”, que “dificultam o desenvolvimento da fraternidade universal”: conflitos anacrônicos, nacionalismos exacerbados, uniformização cultural, negacionismo, crescimento da desconfiança mútua, cultura do descarte (de pobres, deficientes, nascituros, idosos), esquecimento dos direitos humanos, discriminação das mulheres, novas escravaturas, guerras por todo o lado, muros que se erguem, hostilidade aos migrantes etc. Dentre todas estas situações, duas delas são particularmente perniciosas aos olhos do pontífice. Primeiro, as guerras: “[...] em qualquer guerra o que acaba destruído é ‘o próprio projeto de fraternidade inscrito na vocação da família humana’” (FT, n.º 26). Segundo, a mentalidade xenófoba, particularmente naqueles que se dizem cristãos, uma vez que a fé proclama “a dignidade inalienável de toda a pessoa humana, independentemente da sua origem, cor ou religião, e a lei suprema do amor fraterno” (FT, n.º 39).

Portanto, a terra geme (*Laudato si'*) e a humanidade grita (*Fratelli tutti*)<sup>85</sup>. Por isso, porque a Igreja não pode ficar indiferente, o papa encoraja os cristãos a obrar como “artesãos da esperança” (Mensagem, 2025, ponto 3). Não tenhamos dúvidas, as duas encíclicas são encíclicas sociais. Na verdade, quando foi publicada a Encíclica *Laudato si'*, houve muitos que se referiram a ela como sendo a primeira “encíclica verde” da Igreja. No entanto, o Papa Francisco reagiu, afirmando que não se tratava de uma “encíclica verde”, mas

de uma “encíclica social”<sup>86</sup>. De igual modo, ao fulminar a Encíclica *Fratelli tutti*, o papa define-a desde início como uma “encíclica social” (FT, n.º 6). Eventuais mal-entendidos poder-se-iam compreender pelo facto dos temas agora desenvolvidos não fazerem parte dos tradicionais temas da Doutrina Social da Igreja. No entanto, há sempre um começo para tudo, e estes temas já haviam sido abordados por Bento XVI na sua Encíclica *Caritas in veritate* (2009), que é também pioneira: é a primeira encíclica que aborda o tema da mundialização, ou da globalização (Herr, 2009, p. 729).

De todos os modos, importa salientar, na linha do que já dissemos antes, que os textos pontifícios não são, de todo, pessimistas. Contra as vozes da desgraça – ou “as atitudes fatalistas” –, Bento XVI via na globalização uma “promessa”, remetendo para uma humanidade cada vez mais interligada, capaz de fomentar a unidade da família humana (CiV, n.º 42)<sup>87</sup>. Ou seja, pode ser ocasião de múltiplas oportunidades de desenvolvimento (CiV, n.º 42). A mesma perspectiva parece inspirar muitas passagens das encíclicas do papa Francisco (ver, por exemplo, LS, n.ºs 52 e 112; FT, n.ºs 182, 189 e 280). Pelo menos é possível imaginar vários modelos de globalização (cf. FT, n.ºs 100 e 205).

## SUMÁRIO

86 Fê-lo em várias ocasiões, e nomeadamente no discurso dirigido aos participantes na Conferência Internacional da Fundação Centesimus Annus – Pro Pontífice, em 8-6-2019, dedicada precisamente à *Laudato si'* – The Catholic Social Teaching from Inception to the Digital Age: How to Live the *Laudato Si'* (6 a 8 de junho de 2019); cf. <https://www.centesimusannus.org/wp-content/uploads/2019/06/DISCORSO-SANTO-PADRE-PORTOGHESE.pdf> (última consulta em 27-3-2025). No entanto, essa ideia já estava presente no próprio documento: “Espero que esta carta encíclica, que se insere no magistério social da Igreja, nos ajude a conhecer a grandeza, a urgência e a beleza do desafio que temos pela frente” (LS, n.º 15).

87 Diz o papa, citando João Paulo II: “a globalização a priori não é boa nem má. Será aquilo que as pessoas fizerem dela” (CiV, n.º 42).

## DIFERENTES VAGAS DE DOCTRINA SOCIAL

Em 2017, um ano após ter editado uma antologia dos cinquenta documentos mais importantes dos papas acerca da ecologia – *Les papes et l'écologie: de Vatican II à Laudato si'* –, o teólogo dominicano Fr. Thomas Michelet apresentou uma síntese geral da Doutrina Social da Igreja (DSI) que me parece muito interessante. Ele fala ali de três vagas de encíclicas sociais, que correspondem a outros tantos desafios do mundo moderno e contemporâneo, a que a Igreja procurou dar resposta. Vejamos brevemente cada um deles.

Na sequência da Revolução Industrial, o grande desafio da Modernidade tardia foi a “questão operária”, na premente necessidade que se sentiu em regular as relações entre o capital e o trabalho. A Encíclica *Rerum novarum* (1891), do Papa Leão XIII, deu então início à primeira vaga de encíclicas sociais, em que se apelava fundamentalmente à justiça social, legitimando, na mesma ocasião, as organizações sindicais<sup>88</sup>. Muitos documentos posteriores remeterão para essa encíclica fundadora, mas os mais importantes, nos quais se desenvolveu e consolidou a DSI 1.0, foram as encíclicas e documentos em datas de aniversário da *Rerum novarum*, a saber: a *Quadragesimo anno* (1931) de Pio XI – e, em plena guerra, a Radiomensagem do 50.º aniversário (1941) de Pio XII –, a *Mater et magistra* (1961), de João XXIII; a *Octagesima adveniens* (1971), de Paulo VI; e, enfim, a *Laborem exercens* (1981) e a *Centesimus annus* (1991), ambas de João Paulo II.

Entretanto, o mundo, que atravessou duas guerras mundiais, mudou muito e, sobretudo, conheceu a emergência de novos Estados, que se libertaram do domínio colonizador das potências europeias. Por altura do Concílio Vaticano II, o mundo contemporâneo colocava à Igreja um novo desafio: o desenvolvimento dos povos. A justiça social conhecia, então, uma nova escala, agora de ordem

88

Não esqueçamos de que a Revolução Francesa havia suprimido as corporações e sindicatos.

planetária: ou seja, para além da relação patrões-trabalhadores, surgia uma outra, também premente, que tinha que ver com as relações Norte/Sul, isto é, entre países ricos (desenvolvidos) e países pobres (em via de desenvolvimento). No início da década de 1960, o papa João XXIII já tinha chamado a atenção para esta problemática na sua Encíclica *Pacem in terris* (1963). Porém, aquela que inaugura verdadeiramente a “nova vaga” é a Encíclica *Populorum progressio* (1967), de Paulo VI<sup>89</sup>, que apela a uma maior solidariedade entre os Estados e a um verdadeiro “desenvolvimento integral”, do homem e de todos os homens. João Paulo II, que dedicou duas encíclicas aos temas da DSI 1.0 (ver *supra*), não esqueceria este novo “estaleiro” aberto pelo seu predecessor – a DSI 2.0 – e publicou a Encíclica *Sollicitudo rei socialis* (1987). Vinte anos depois – embora o documento tenha saído com algum atraso –, seria a vez do papa Bento XVI assinalar esse aniversário e levar à plenitude a doutrina sobre o desenvolvimento integral do homem na sua Encíclica *Caritas in veritate* (2009).

Na sequência da Queda do Muro de Berlim (1989), a União Soviética colapsava e a maior parte dos países do mundo pôs-se de acordo para instituir a Organização Mundial do Comércio (Acordo de Marraquexe de 1 de janeiro de 1995), principal símbolo da atual globalização<sup>90</sup>. O mundo tornava-se realmente uma “aldeia global” e a justiça social integrava uma nova dimensão: a justiça/solidariedade intergeracional ou os direitos das gerações futuras. Toma-se consciência das consequências ecológicas da Revolução Industrial e dos desafios destas para o próprio desenvolvimento dos povos. Consequentemente, do desenvolvimento integral, centrado no homem, passa-se então para o desenvolvimento global e

89 O próprio papa Bento XVI reconhece isso quando diz: “A *Populorum progressio* merece ser considerada como a Encíclica *Rerum novarum* da época contemporânea que ilumina o caminho da humanidade” (CIV, n.º 8).

90 A globalização promovida pela Organização Mundial do Comércio é criticada tanto pelos altermundialistas, que a acusam de ter liberalizado excessivamente o comércio (e de se centrar apenas na economia), como pelos liberais, que acham que esta impõe demasiadas regras ao mercado.

sustentável da “casa comum”. O Papa Francisco, com as suas duas encíclicas sociais, abriu então um novo “estaleiro” na doutrina social – a DSI 3.0 –, que nos vai ocupar nas páginas que se seguem.

## NOVOS PRINCÍPIOS DE DOCTRINA SOCIAL

Embora se trate de uma nova vaga no panorama da Doutrina Social da Igreja, evidentemente, há uma continuidade com os textos dos papas precedentes, pelo menos a partir da *Pacem in terris*, de João XXIII (cf. LS, n.ºs 3-4). Nesta nova vaga – a DSI 3.0 – há como que um maior desenvolvimento de alguns temas já abordados por Bento XVI, em *Caritas in veritate*, nomeadamente a fraternidade (cap. 3), a ecologia (cap. 4) e a técnica (cap. 6)<sup>91</sup>.

Do mesmo modo, são atualizados os conceitos fundamentais da doutrina social, tal como foram definidos no *Compêndio de Doutrina Social da Igreja* de 2004, principalmente os chamados quatro princípios basilares da DSI: a dignidade humana, o bem comum, a solidariedade e a subsidiariedade (cf. CDSI, n.º 160).

Na *Laudato si'*, por exemplo, Francisco articula de maneira muito interessante esses quatro princípios em torno do tema da ecologia. Começa por afirmar que “a ecologia humana é inseparável da noção de bem comum”, sublinhando depois o papel centralizador e unificador do bem comum no contexto da ética social (LS, n.º 156). O papa cita a definição de bem comum do Concílio Vaticano II (cf. GS, n.º 26). Por isso, ele entende que a ecologia humana – pois falamos de uma encíclica social, e não de uma encíclica “verde” – se insere no “conjunto das condições da vida social”, que contribuem para

91 Bento XVI falava de “ideologia tecnocrática” (CIV, n.º 14). Francisco, nas duas encíclicas, fala de “paradigma tecnocrático” e “paradigma eficientista da tecnocracia” (LS, n.ºs 101, 106-114, 118, 122 e 189; FT, n.ºs 166 e 177).

alcançar a perfeição. Todavia, o bem comum pressupõe “o respeito pela pessoa humana” – ou seja, o princípio da dignidade humana – e exige “os dispositivos de bem-estar e de segurança social e o desenvolvimento dos vários grupos intermédios” – isto é, o princípio da subsidiariedade (LS, n.º 157). Enfim, para pôr cobro às desigualdades sociais, o bem comum torna-se também “um apelo à solidariedade e uma opção preferencial pelos mais pobres” (LS, n.º 158).

O Papa Francisco alarga, então, a noção de bem comum às gerações futuras, ou seja, coloca a questão da justiça social num novo patamar, que permite falar de uma DSI 3.0:

A noção de bem comum engloba também as gerações futuras. As crises económicas internacionais mostraram, de forma atroz, os efeitos nocivos que traz consigo o desconhecimento de um destino comum, do qual não podem ser excluídos aqueles que virão depois de nós. Já não se pode falar de desenvolvimento sustentável sem uma solidariedade intergeracional (LS, n.º 159).

Na *Fratelli tutti*, sem a articulação que acabámos de mencionar, a abordagem do princípio do bem comum não deixa de ser menos exigente e radical:

Fixemos o modelo do bom samaritano. É um texto que nos convida a fazer ressurgir a nossa vocação de cidadãos do próprio país e do mundo inteiro, *construtores dum novo vínculo social*. Embora esteja inscrito como lei fundamental do nosso ser, é um apelo sempre novo: que a sociedade se oriente para a prossecução do bem comum e, a partir deste objetivo, reconstrua incessantemente a sua ordem política e social, o tecido das suas relações, o seu *projeto humano*. Com os seus gestos, o bom samaritano fez ver que “a existência de cada um de nós está ligada à dos outros; a vida não é tempo que passa, mas tempo de encontro” (FT, n.º 66; cursiva nossa).

Refere-se novamente à centralidade do bem comum, e o princípio da dignidade humana está ainda implícito, mas agora

aparece um outro elemento, que é explicitado no número seguinte: a compaixão.

[A] parábola é um ícone iluminador, capaz de manifestar a *opção fundamental* que precisamos de tomar para reconstruir este mundo que nos está a peito. Diante de tanta dor, à vista de tantas feridas, a única via de saída é ser como o bom samaritano. Qualquer outra opção deixa-nos ou com os salteadores ou com os que passam ao largo, sem se compadecer com o sofrimento do ferido na estrada (FT, n.º 67; cursiva nossa).

Para compreender a argumentação do Papa Francisco – a construção de “um novo vínculo social”, o “projeto humano”, a nova “opção fundamental” – importa recuar um pouco e atender aos novos princípios de doutrina social expostos pelo pontífice na Exortação Apostólica *Evangelii gaudium* (2013), com um cariz claramente programático. Barret Turner chamou a atenção para esses princípios, que não são novos, pois Jorge Bergoglio desenvolveu-os no contexto da recepção da Encíclica *Populorum progressio* na América Latina dos anos 1970-1980, mas que permitem fundamentar uma “práxis social católica” (Turner, 2017).

O papa expõe esses princípios numa secção intitulada “O bem comum e a paz social” (EG, n.ºs 217-237), propondo-os como o seu grande contributo para a Doutrina Social da Igreja:

Para avançar nesta construção de um povo em paz, justiça e fraternidade, há quatro princípios relacionados com tensões bipolares próprias de toda a realidade social. Derivam dos grandes postulados da Doutrina Social da Igreja, que constituem o “primeiro e fundamental parâmetro de referência para a interpretação e o exame dos fenómenos sociais” [CDSI, n.º 161]. À luz deles, desejo agora propor estes quatro princípios que orientam especificamente o desenvolvimento da convivência social e a construção de um povo onde as diferenças se harmonizam dentro de um projeto comum. Faço-o na convicção de que a sua aplicação pode ser um verdadeiro caminho para a paz dentro de cada nação e no mundo inteiro (EG, n.º 221).

Os novos princípios – práticos – propostos pelo papa, são: o tempo é superior ao espaço (n.ºs 222-225); a unidade prevalece sobre o conflito (n.ºs 226-230); a realidade é mais importante do que as ideias (n.ºs 231-233); e o todo é maior do que as partes (n.ºs 234-237).

Da primeira tensão bipolar entre plenitude (tempo) e limite (espaço), o papa retira o princípio de que o tempo é superior ao espaço. Segundo este princípio, fundamental para construir um povo, uma nação, uma sociedade, importa mais “iniciar processos” de longo prazo e que conduzam a resultados consistentes do que “possuir espaços” de autoafirmação e perfeitamente efêmeros, ou seja, “trata-se de privilegiar as ações que geram novos dinamismos na sociedade e comprometem outras pessoas e grupos que os desenvolverão até frutificar em acontecimentos históricos importantes” (EG, n.º 223). A segunda tensão, envolvendo o conflito, pode suscitar várias respostas, mas só uma é verdadeiramente eficaz: é a que leva a “aceitar suportar o conflito, resolvê-lo e transformá-lo no elo de ligação de um novo processo” (EG, n.º 227). Por isso a unidade – a comunhão nas diferenças – é a única maneira de “construir a amizade social” (EG, n.º 228). A terceira tensão é entre realidade e ideia, em que o primeiro polo é superior: se as ideias não corresponderem à verdadeira natureza da realidade, não podem inspirar uma ação efetiva (EG, n.º 232). No âmbito social, o desfasamento entre os dois pode ser muito prejudicial aos esforços para alcançar o bem comum. Também na tensão entre o todo e a parte, o papa sublinha a superioridade do primeiro elemento, o todo, mas o todo poliédrico, onde as partes não se uniformizam, mas mantêm a sua originalidade (EG, n.º 236). Este último princípio, na sua simplicidade, pode mostrar a implicação prática da solidariedade e da subsidiariedade: o desenvolvimento de uma sociedade deveria preservar a diversidade dos indivíduos e dos grupos que compõem a ordem social (Turner, 2017, p. 123).

## OS NOVOS PRINCÍPIOS APLICADOS

Podemos agora passar para a aplicação dos novos princípios bergoglianos nas duas encíclicas sociais do seu pontificado.

Na Encíclica *Laudato sí'*, são de novo referidos os quatro princípios, sendo que o terceiro, relativo à realidade, é mesmo evocado duas vezes. No capítulo intitulado "Algumas linhas de orientação e ação", no n.º 178, é referido o primeiro princípio: o tempo é superior ao espaço. O contexto é o do imediatismo das políticas públicas e da pressão de populações consumistas, em que se escasseia a criação de processos de longo prazo, com visão ampla ou horizonte alargado. "Esquece-se, assim – diz o papa –, que 'o tempo é superior ao espaço' e que sempre somos mais fecundos quando temos maior preocupação por gerar processos do que por dominar espaços de poder". A proposta de ação é, claramente, a da iniciação de processos pensando no bem comum a longo prazo e na construção de uma sociedade consistente. Mais adiante, no mesmo capítulo, no n.º 198, é referido o segundo princípio. O contexto é ainda o da política imediatista (de políticos obcecados por conservar ou aumentar o poder) e da economia da ganância, que não favorecem senão as "guerras" e os "acordos espúrios", lembrando então que a unidade é superior ao conflito. No texto papal, manifesta-se uma triste constatação: esses políticos e agentes económicos não têm qualquer interesse pelo meio ambiente nem pelo cuidado dos mais fracos.

O terceiro princípio – a realidade é superior às ideias – é evocado, como dissemos, por duas vezes. A primeira no capítulo três, intitulado "A raiz humana da crise ecológica", no n.º 110, em referência ao chamado "paradigma tecnocrático", muito criticado ao longo de toda a encíclica<sup>92</sup>. O papa refere-se à tendência de interpretação de toda a existência a partir de um único recurso, o tecnológico,

apesar da realidade já dar sinais de que não pode ser esse o caminho adequado. Seria urgente, então, fomentar um “olhar de conjunto”, envolvendo outros saberes, como “a filosofia e a ética social”. De maneira implícita, o papa chama à colação outros dois princípios, o primeiro (a necessidade de iniciar processos) e o quarto (a superioridade do todo sobre as partes). No último número do capítulo “Algumas linhas de orientação e ação”<sup>93</sup>, Francisco volta a referir o terceiro princípio: “A gravidade da crise ecológica obriga-nos, a todos, a pensar no bem comum e a prosseguir pelo caminho do diálogo que requer paciência, ascese e generosidade, lembrando-nos sempre que ‘a realidade é superior à ideia’” (n.º 201). De maneira realista, o papa apela ao diálogo entre todos (religiões, ciências, movimentos ecologistas) e à superação das ideologias que muitas vezes dominam estas matérias.

O quarto princípio – o todo é superior às partes – é evocado no n.º 141, na parte inicial do capítulo intitulado “Uma ecologia integral” (n.ºs 137-162), que é o coração da encíclica. “Ecologia integral” é o novo paradigma de justiça, fundamentado “na convicção de que tudo está estreitamente interligado no mundo” (n.º 16). Lembramos as palavras do papa:

Hoje, a análise dos problemas ambientais é inseparável da análise dos contextos humanos, familiares, laborais, urbanos, e da relação de cada pessoa consigo mesma, que gera um modo específico de se relacionar com os outros e com o meio ambiente. Há uma interação entre os ecossistemas e entre os diferentes mundos de referência social e, assim, se demonstra mais uma vez que “o todo é superior à parte” (n.º 141).

A ecologia integral, portanto, exige um olhar mais amplo sobre a realidade e, sobretudo, “a necessidade imperiosa do *humanismo*, que faz apelo aos distintos saberes, incluindo o económico, para uma visão mais integral e integradora” (n.º 141; cursiva nossa).

Na Encíclica *Fratelli tutti*, de maneira explícita, apenas dois princípios são referidos: o segundo e o quarto. No entanto, implicitamente, todos são convocados. A referência explícita aos princípios relativos à “unidade” e ao “todo” entendem-se perfeitamente pelo tema que é abordado: a fraternidade e a amizade social.

Em primeiro lugar, a unidade, que é superior ao conflito. A ideia mobilizadora da encíclica é a do *encontro*. Inspira-se no encontro de S. Francisco de Assis com o sultão al-Malik al-Kamir (ou Camil), no Egito, em 1220-1221. Por isso, mesmo, desde início, o papa procura sublinhar que é necessário promover uma “cultura do encontro”, e não do confronto, do conflito (cf. n.º 30). Irá explicitá-lo melhor nos capítulos “Diálogo e amizade social” (n.ºs 198-224) e “Percurso de um novo encontro” (n.ºs 225-270). É precisamente neste último onde evoca o princípio da superioridade da unidade sobre o conflito:

Várias vezes propus “um princípio que é indispensável para construir a amizade social: a unidade é superior ao conflito. [...] Não é apostar no sincretismo ou na absorção de um no outro, mas na resolução num plano superior que preserva em si todas as preciosas potencialidades das polaridades em contraste [EG, n.º 228]” (n.º 245).

A cultura do encontro, promovida pelo Papa Francisco, tem no seu âmago o diálogo. No seguimento do magistério dos papas João Paulo II e Bento XVI, também Francisco vê na globalização uma dimensão de promessa, a construção de uma verdadeira família humana ou uma comunidade de irmãos (cf. n.ºs 96 e 205). Neste sentido, a falta de diálogo entre cristãos constitui um verdadeiro escândalo para o mundo atual (n.º 280).

Mas o princípio mais recorrente na *Fratelli tutti* é claramente o quarto, o todo é superior às partes (cf. n.ºs 78, 145 e 215), pelo qual se combatem todos os tipos de particularismos. Logo no capítulo em que comenta a períclope do Bom Samaritano – “Um estranho no caminho” –, o papa refere o princípio para sublinhar que deve haver

sempre um nós “mais forte do que a soma das pequenas individualidades” (n.º 78). É claro que aqui também está implícito o primeiro princípio, segundo o qual se valoriza a criação de processos a longo prazo, e envolvendo o maior número possível de pessoas. O princípio é ainda recordado no capítulo intitulado “Um coração aberto ao mundo inteiro”, no n.º 145. Essa abertura pressupõe o amor pátrio<sup>94</sup>, entendido como um valor único que também pode ser partilhado com os outros, porque a totalidade aqui defendida é a do poliedro, e não a da esfera uniformizadora e esterilizante. Um patriotismo que faz lembrar o do padre Antônio Vieira, um espírito universal. Na terceira ocorrência, volta a imagem do poliedro, para reforçar a unidade e a cultura do encontro que já referimos (cf. n.º 215). Curiosamente, o número começa com uma interessante citação de uma música de Vinicius de Moraes: “A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro na vida”<sup>95</sup>. Segundo a imagem do poliedro, as diferenças enriquecem-nos. “Na realidade, de todos se pode aprender alguma coisa, ninguém é inútil, ninguém é supérfluo. Isto implica incluir as periferias” (*Ibid.*).

## NOTAS FINAIS

Nesta breve reflexão, quisemos mostrar como o Papa Francisco deu início a uma nova vaga de doutrina social, enfrentando duas graves crises que afetam o mundo atual: a *crise ecológica*, que põe em perigo a nossa casa comum, que se deteriora dia após dia e faz com que a nossa irmã Terra gema (LS, n.º 53); a *crise do humano*, em que “partes da humanidade parecem sacrificáveis em benefício de uma seleção que favorece a um setor humano digno de viver sem limites”

94 Diz o papa: “Existe uma falsa abertura ao universal, que deriva da superficialidade vazia de quem não é capaz de compreender até ao fundo a sua pátria, ou de quem lida com um ressentimento não resolvido face ao seu povo” (FT, n.º 145).

95 Vinicius de Moraes, Samba da Bênção, no disco *Um encontro no “Au Bon Gourmet”* (1962).

(FT, n.º 18), que põe em causa o princípio da dignidade humana de todos e também faz gemer os abandonados do mundo (LS, n.º 53).

Em vez das políticas efémeras (com intuitos eleitoralistas), geradoras de conflitos e guerras, alimentadas por ideologias e particularismos, o papa apela ao início de processos de longo termo, envolvendo o maior número possível de pessoas, que visem a unidade da paz social, tenham em grande conta a realidade (mais do que as ideias), e acolham a diversidade como um valor a promover. São essas as dinâmicas por detrás dos princípios práticos que ele quis inculcar à DSI 3.0.

De todos os modos, há duas causas que ele abraça com muita coragem e esperança. A primeira, a da justiça/solidariedade intergeracional, pois, sem esta, não haverá desenvolvimento integral e sustentável dos povos, nem a construção da casa comum (o mundo no seu todo). A segunda, a compaixão, pelo que, com os olhos postos na parábola evangélica do bom samaritano, ele convoca todos os homens de boa vontade a construir “um novo vínculo social” (FT, n.º 66).

Entre os pais da economia moderna, houve um, o economista francês Jean-Charles-Léonard Simonde de Sismondi, que, na sua obra *Nouveaux principes d'économie politique* (1819), já colocava em primeiro plano o bem-estar dos seres humanos reunidos em sociedade, com a participação de todos, procurando não deixar ninguém para trás<sup>96</sup>. Como sublinham Manfred Max-Neef & Philip B. Smith, esta perspetiva é

96 Diz ele: “La nation où la grande masse de la population est exposée à de constantes privations, à des inquiétudes cruelles sur son existence, à tout ce qui peut courber as volonté, dépraver as morale, et flétrir son caractère, *est asservie*, dût-elle compter dans ses hautes classes des hommes parvenus au plus haut degré de félicité humaine, des hommes dont toutes les facultés soient développées, dont tous les droits soient garantis, dont toutes les jouissances soient assurés. Lorsque le législateur, au contraire, ne perd pas plus de vue le développement de quelques-uns que *le bonheur de tous*, lorsqu’il réussit à organiser une société dans laquelle les individus peuvent arriver à la plus haute distinction d’esprit et d’âme, comme aux jouissances les plus délicates, mais dans laquelle en même temps tout ce qui porte le caractère humain est assuré de trouver protection, instruction, développement moral et aisance physique, il a accompli sa tâche ; et sans doute c’est la plus belle que l’homme puisse proposer sur la terre. C’est en suivant ce noble but que la science de la législation est la théorie la plus sublime de la bienfaisance” (SIMONDE DE SIMONDI, 1819, p. 2-3 ; cursiva nossa).

revolucionária e inculcaria mais justiça na economia, que, frequentemente, parece dedicar-se mais a defender as injustiças da nossa sociedade, mormente a divisão entre ricos e pobres (Max-Neef & Smith, 2014)<sup>97</sup>.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CDSI *Compêndio de Doutrina Social da Igreja* (2004).

CiV *Caritas in veritate* (2009), de Bento XVI.

EG *Evangelii gaudium* (2013), de Francisco.

FT *Fratelli tutti* (2020), de Francisco.

GS *Gaudium et spes* (1965), do concílio Vaticano II.

LF *Lumen fidei* (2013), de Francisco.

LS *Laudato si'* (2015), de Francisco.

HERR, É. L'encyclique *Caritas in veritate*: une lecture. **Nouvelle Revue Théologique**, 131, p. 728-748, 2009.

MAX-NEEF, M. & SMITH, P. B. **La economía desenmascarada**: del poder y la codicia a la compasión y el bien común. Barcelona: Icaria Editorial, S.A, 2014.

**Mensagem do Papa Francisco para o XCIX Dia Mundial das Missões 2025**, 6 de fevereiro de 2025.

MICHELET, Th. La Doctrine sociale de l'Église après Laudato si'. **Spazio aperto/Open space**, n.º 1, p. 36-38, 2017.

Rowlands, A. **Towards a Politics of Communion**: Catholic Social Teaching in Dark Times. London: T&TClark, 2021.

Simonde de Simondi, J.-C.-L. **Nouveaux principes d'économie politique**, ou De la richesse dans ses rapports avec la population. Tome 1. Paris: Delaunay Libraire/Treuttel et Wurtz Libraires, 1819.

Turner, B. *Pacis progressio*: how Francis' four new principles develop Catholic Social Teaching into Catholic Social Praxis. **Journal of Moral Theology**, vol. 6, n.º 1, p. 112-129, 2017.

97 No caso, veja-se o capítulo oitavo, intitulado "Compassión" (p. 145-154).

organizadores

José Eduardo Franco

Rogério Klaumann

VOLUME  
2 RELIGIÃO  
E PODER

# Quando a religião se engaja com a sociedade

CRISTIANISMO SOCIAL  
E SUAS AFINIDADES ELETIVAS  
ensaios sobre poder religioso,  
política e cultura no Brasil  
e em Portugal

APOIO:



LARC  
Laboratório  
de Religiosidade  
e Cultura da UFSC

iecc  
pma  
Instituto Europeu de  
Ciências da Cultura  
P. Manuel Antunes

CENTRE FOR  
GLOBAL  
STUDIES



2025  
São Paulo

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Q1

Quando a religião se engaja com a sociedade: Cristianismo social e suas afinidades eletivas - ensaios sobre poder religioso, política e cultura no Brasil e em Portugal / Organização José Eduardo Franco, Rogério Klaumann. - São Paulo: Pimenta Cultural, 2025.

Coleção Religião e Poder. Volume 2

Livro em PDF

ISBN 978-85-7221-453-7

DOI 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-453-7

1. Cristianismo Social. 2. Pensamento Humanista. 3. Religião e Educação. 4. Poder Religioso e Sociedade. 5. Religião e Tecnologia. I. Franco, José Eduardo (Org.). II. Klaumann, Rogério (Org.). III. Título.

CDD 230

Índice para catálogo sistemático:

I. Religião - Cristianismo

Simone Sales - Bibliotecária - CRB ES-000814/0